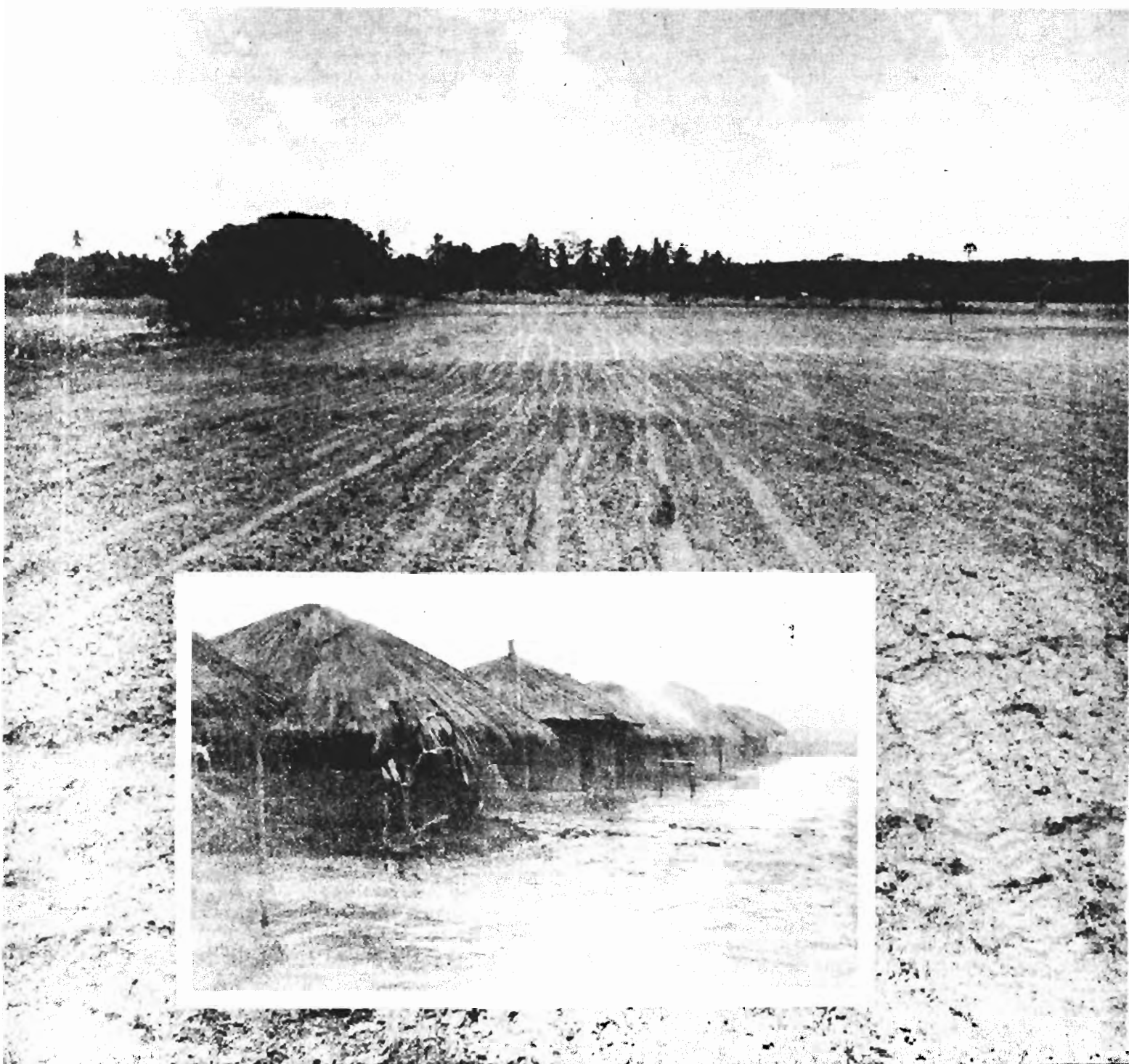


# **O PRESENTE E O**



# FUTURO

Dois anos atrás era um plano um projecto. Hoje é uma realidade. Não que haja neste momento em Moçambique alguma aldeia comunal que tenha todas as características necessárias para se lhe aplicar sem restrições esse nome. Aquilo a que chamamos aldeias comunais neste momento não são mais que os primeiros passos das futuras aldeias.

Várias foram as reacções quando a FRELIMO lançou a ideia das aldeias comunais. Para uns a aldeia comunal não diferia muito do aldeamento colonial. Para outros era uma prova clara de que estavam a ser criados campos de concentração em Moçambique destinados ao controlo da população. Para outros a ideia era excelente mas não vislumbravam como pô-la em prática. Outros, enfim, nem se deram ao trabalho de analisar o que era, qual o objectivo. E porque atacam qualquer coisa que seja nova (e atacam sistematicamente) criaram imagens e comparações absurdas como forma de combate. Assim, o machimbombo cheio à hora de ponta era uma aldeia comunal. O cemitério foi apelidado de aldeia comunal dos mortos. E mais...

Mas este plano do Partido e Governo moçambicanos concretizou-se. Começaram a surgir em várias províncias as primeiras casas e mesmo os primeiros bairros das Aldeias Comunais. O objectivo último delas é melhorarem, através da produção e da criação de várias infra-estruturas já estudadas, as condições de vida material dos camponeses e contribuir para a transformação da mentalidade e visão do mundo desses mesmos camponeses. À medida que avançam e se concretizam, à medida que se vão colhendo os primeiros frutos, torna-se mais que evidente que, de facto, só a Aldeia Comunal permite o combate eficaz à fome, ao analfabetismo, à ignorância, ao problema dos abastecimentos, etc. Também se torna evidente que esse combate seria mais difícil, senão impossível, se os camponeses vivessem dispersos. E, de facto, para alicerçar esta verdade na-

*O objectivo último das aldeias comunais é melhorarem através da produção e da criação de várias infra-estruturas já estudadas, as condições de vida material dos camponeses.*

da mais eloquente que recorrer ao que os vários responsáveis do Partido e Governo têm dito: como levar a escola à casa de cada indivíduo isolado? Como levar o hospital, a loja? E estes benefícios são uma necessidade fundamental sem a materialização dos quais não se pode falar em melhoria da vida das populações.

O Presidente Samora no dia 3 de Fevereiro de 1976 diria também, num comício em Maputo, que todas as cidades nasceram do campo. Onde hoje é cidade ontem era mato. Daí a designação que o dirigente da FRELIMO deu às aldeias comunais: Cidades do campo.

se reorganizarem as populações afectadas pela miséria agravada e não esperada. É o caso de Gaza, por exemplo.

Antes de se proceder à construção é necessário escolher o local onde vai ser implantada a aldeia. Esse local tem de ter:

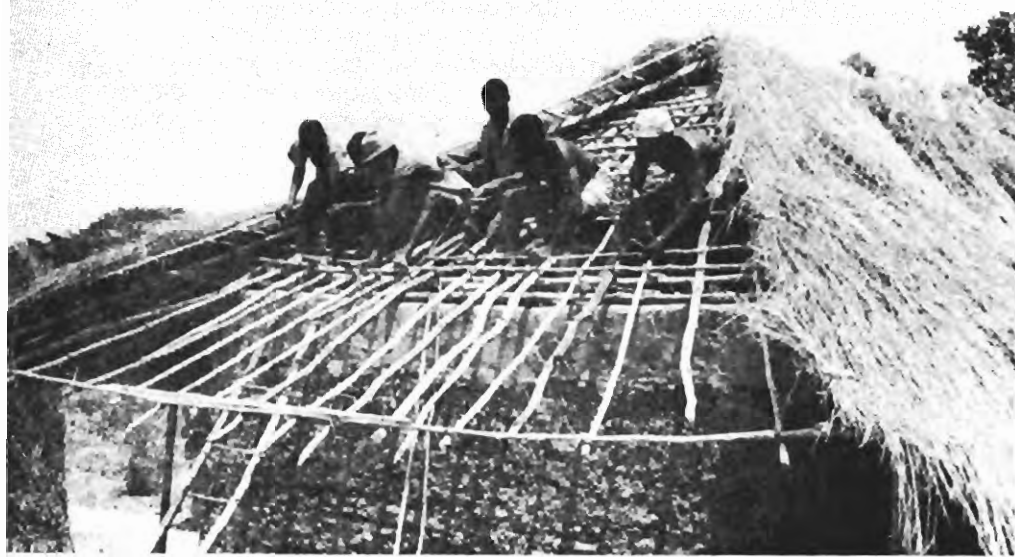
- 1.º — Terreno fértil;
- 2.º — Água nas proximidades (rio, riacho, lago) ou possibilidades de captação subterrânea;
- 3.º — Zona de expansão ou seja um terreno vasto, não imediatamente utilizável, mas que à medida que a aldeia irá crescendo será por ela ocupado;
- 4.º — Tem que estar nas proximidades de uma estrada principal

A falta de paciência, a pressa em construir uma aldeia e outros erros, têm feito com que aqui e além, nas várias províncias, apareçam embriões de aldeias comunais que não obedecem a nenhum destes requisitos mínimos. Isso por vezes deve-se ao desconhecimento que certos responsáveis têm dessas directrizes. Mas representa um perigo que vem do facto de que quando há falta de água, por exemplo, as populações terão dificuldades em colher boas produções, desmobilizar-se-ão e, naturalmente, será mais difícil convencê-las de que a aldeia comunal só pode trazer benefícios para a sua vida.

Mas regra geral as aldeias nascem obedecendo a um estudo prévio, técnico e político. Elas não nascem ao acaso ao estilo de cinquenta, cem ou mais camponeses se reunirem e começarem, sem mais nem porquê, a edificação de casas.

#### QUEM VIVE NA ALDEIA

Em princípio quem vive na aldeia comunal são os camponeses na medida em que ela é o seu centro político, económico e cultural por excelência. Mas esta verdade elementar faz com que muita gente tome a aldeia comunal como lugar só para camponeses. Se assim for quem irá prestar assistência às máquinas que os camponeses vão comprando? Quem irá tratar-lhes das doenças? Quem irá tratar dos seus filhos enquanto eles vão à machamba, à reu-



*Por detrás de muitas aldeias existentes há toda uma história desconhecida de dedicação, por vezes individual à causa do Partido. Por detrás de cada aldeia há toda uma canseira, trabalho árduo, persuasão inteligente, contorno de dificuldades de toda a ordem incluindo as longas distâncias, as dificuldades de comunicações e as orientações que nem sempre são recebidas pronta e imediatamente sempre que necessárias.*

#### COMO NASCEM AS ALDEIAS

Por detrás de muitas aldeias existentes há toda uma história desconhecida de dedicação, por vezes individual (um administrador do distrito, um comissário político) à causa do Partido. Por detrás de cada aldeia há toda uma canseira, trabalho árduo, persuasão inteligente, contorno de dificuldades de toda a ordem incluindo as longas distâncias, as dificuldades de comunicação e as orientações que nem sempre são recebidas pronta e imediatamente sempre que necessárias.

Outras aldeias nasceram em virtude de calamidades naturais. Quer dizer, a sua causa mais próxima está ligada à necessidade de

(de terra batida ou terraplanada, alcatroada ou de macadame). Será essa estrada que permitirá o transporte aos centros de consumo de toda a produção comercializável da aldeia;

5.º — Apesar de ter de estar nas proximidades desta via principal ela não pode estar situada junto dela. Uma aldeia tem que estar afastada das estradas principais mas estar ligada a elas por uma picada chamada de via de escoamento. Quando as aldeias estiverem muito avançadas esta via de escoamento será a única à volta delas que permitirá circulação automóvel. Quer dizer, um carro para entrar numa aldeia só terá uma e só uma única via que será essa.





*Em princípio quem vive na aldeia comunal são os camponeses na medida em que ela é o seu centro político, económico e cultural por excelência. Mas esta verdade elementar faz com que muita gente tome a aldeia comunal como lugar só para camponeses. Se assim for quem irá prestar assistência às máquinas que os camponeses vão comprando? Quem irá tratar-lhes das doenças? Quem irá tratar dos seus filhos enquanto eles vão à machumba? Quem irá ensinar na escola?*

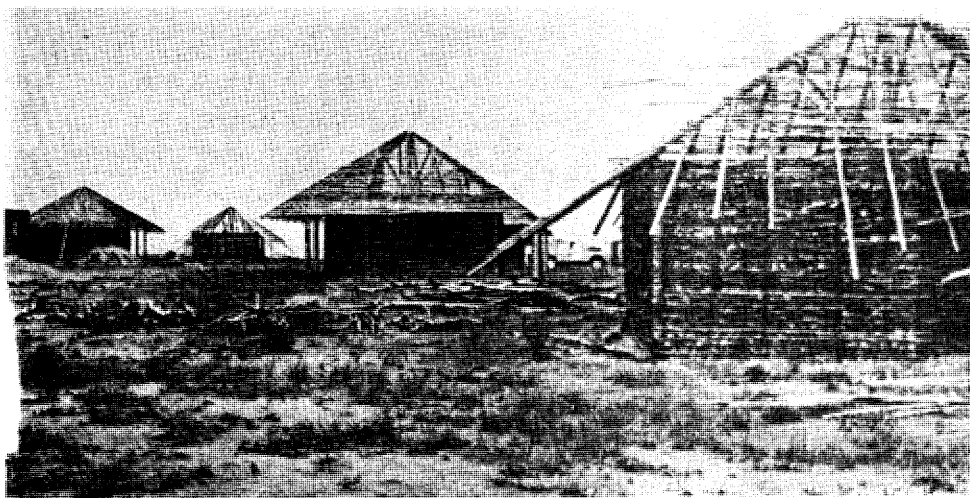
não? Quem irá ensinar na escola? Quem lhes irá traduzir as notícias ouvidas em português na rádio e lidas nos jornais? É que a centena e meia de casas (ou menos) que são o ponto de partida físico da aldeia são, na realidade, uma parte mínima daquilo que a aldeia virá a ser. A condição necessária para que as aldeias cres-

çam é a colaboração de todos os sectores de actividade nacional desde o ensino aos serviços de saúde, desde os vários tipos de operários aos trabalhadores da informação. Aliás, quando as aldeias tiverem todos os seus bairros completos, com duzentas e cinquenta casas cada — portanto milhares de pessoas a viverem ne-

las — será necessário introduzir lá o Corpo da Polícia.

Uma aldeia comunal, segundo o plano do Partido, é um mini-mundo que em si reúne não só os camponeses mas vários sectores de actividade.

A falta de compreensão do que são as aldeias comunais e o que se pretende com elas faz com que muita gente, sobretudo da pequena burguesia, tome as aldeias como centros de reeducação. Um menino faz qualquer coisa errada na escola? A professora ameaça-o logo com a aldeia comunal. Mas uma coisa são os centros de reeducação outra as aldeias comunais. Isto é evidente. Quem vive nas aldeias não está a ser reeducado, não é uma pessoa detida. Participar ou não numa aldeia é uma questão voluntária. Numa aldeia a pessoa está a ser educada numa vida nova, numa nova visão do mundo. Está a aprender quotidianamente a diferença entre o trabalho individual e o trabalho colectivo. Está todos os dias a ver a grande machamba que é produto do trabalho de todos.



*A centena e meia de casas ou menos que são o ponto de partida físico da aldeia constituem, na realidade, uma parte mínima daquilo que a aldeia virá a ser. Para que as aldeias cresçam exige-se a colaboração de todos os sectores de actividade nacional.*

Quando chega a colheita vê o seu e o suor de todos transformado em arroz, milho, algodão, gergelim, girassol, etc. Aliás é sempre um factor decisivo de mobilização a boa ou má colheita.

## O QUE SE PRETENDE NA ALDEIA

De certo modo ficou dito atrás. Ali aprende-se a valorizar o trabalho colectivo. Aprende-se a contar com as próprias forças e o camponês — analfabeto, supersticioso — reencontra a sua dignidade negada pela sociedade feudal e posteriormente pela sociedade colonial. Sabe e sente que tem cabeça, tronco e membros. Sabe o que fazer com a cabeça e aprende a fazê-lo correctamente. Sabe o que fazer com o tronco e com os membros e fá-lo cada vez melhor.

A verdadeira transformação do

camponês e de qualquer pessoa não camponesa reside aí. Reside na aprendizagem prática, porque da prática se faz a teoria. Reside na elevação do gesto de todos os dias — cultivar, sarchar, regar — ao nível da teoria. Reside na constatação do segredo da enxada, da picareta, do tractor: eles podem ajudar a cabeça a transformar o meio ambiente e transformando o meio ambiente transforma-se imediatamente o homem, o agente dessa transformação.

Na aldeia aprende-se a combater a superstição. Quando não chove recorrer-se-á às moto-bombas e não às rezas aos deuses para mandarem a chuva. Quando a mulher estiver grávida irá dar à luz na maternidade e não dentro da palhota assistida por outras mulheres e sujeitando-se a cerimónias complicadas de carácter obscurantista. Na aldeia a mulher

*AO LADO: Na aldeia a mulher aprenderá a fazer o planeamento familiar e deixará de ir produzindo filhos de dois em dois anos sem ter com que alimentá-los.*

*EM BAIXO: A verdadeira transformação do camponês e de qualquer pessoa não camponesa reside na aprendizagem prática. Reside na elevação do gesto de todos os dias — cultivar, sarchar, regar — ao nível da teoria.*





aprenderá a fazer o planeamento familiar juntamente com o homem e deixará de ir produzindo filhos de dois em dois anos sem ter com que alimentá-los. Na aldeia o Partido criará a sua base mais segura a nível do campo. E com o Partido o camponês aprenderá que ele é um de entre os explorados. Que ele e todas as pessoas da aldeia fazem parte de uma máquina complexa de produção num país que é uma República Popular. E compreenderá também que no mundo há muitos explorados como ele que combatem para se libertarem dessa exploração.

Enfim, na aldeia aprende-se o sentido mais correcto da divisão do trabalho. O camponês verá ali, como dissemos, todos os sectores da vida nacional. Haverá a inevitável troca de experiências, permuta de ideias. Heverá, enfim, uma unidade real movida por objectivos comuns.

#### A ALDEIA COMO BASE DE COMBATE AO DESEMPREGO

As aldeias comunais poderão também contribuir imenso para o combate ao desemprego. Nas cidades há sempre uma camada de

pessoas desempregadas que, à medida que nas empresas cada vez mais se exige uma profissão e um certo conhecimento de qualquer coisa prática, terão mais dificuldades em se empregarem. O problema não é novo. Essas pessoas regra geral emigraram do campo para a cidade atraídas pelas possibilidades, muitas vezes não realizadas, de melhorarem a sua vida. São, portanto, de origem camponesa. Os problemas sociais que provocam nas cidades não poderão, naturalmente, eternizar-se. Com os tempos — isso também depende do crescimento das aldeias — eles serão solicitados pelo Partido e pelo Governo a recolherem às aldeias Comuns do seu local de origem onde encontrarão trabalho e onde poderão dar um valioso contributo.

Mas esta questão não se aplica apenas a este lupen. Aplica-se também ao operário cronicamente desempregado. Aplica-se ao estudante que desistiu de estudar mas que não encontra emprego. Aplica-se ao empregado doméstico cujos patrões partiram.

Na aldeia comunal haverá lugar para todos e todos terão o seu papel específico na comunidade aldeã.

O que acima fica dito é um misto de verdade actual, palpável e um misto de antevisão do futuro que queremos. Alguém dirá que é uma utopia. Os seus argumentos não serão diferentes daqueles que foram lançados a quando do apelo para a criação das aldeias. Mas que assim seja. Pois com ataques ou não vamos colaborar na realização desse sonho?

#### O QUE NA ALDEIA NAO É NOVIDADE

Certos aspectos de cooperação colectiva não são novidade para os camponeses de muitas regiões do nosso país. A vida comunitária não logrou ser totalmente destruída pelo colonialismo no campo. Entre os camponeses, sempre que a chuva ou o vento destruíam uma casa ela era reconstruída pelos vizinhos todos. Nos tempos da sementeira era e é usual juntarem-se várias pessoas hoje na machamba de um, amanhã na machamba de outro para facilitarem o duro trabalho. A educação das crianças nunca foi tarefa exclusiva dos seus pais mas de toda a comunidade circunvizinha. Aliás as crianças do campo acabam por comer e mesmo dormir na casa do vizinho ou parente onde estiveram a brincar. Uma espécie de comunidade na alimentação dos filhos. Portanto isto o camponês não aprende porque para ele faz parte integrante da sua vida.

O que ele aprende é a fazê-lo organizadamente, segundo um plano racional e não apenas por cumprimento de uma tradição sã. Ele agora constrói uma casa onde vai viver um indivíduo que até aí era-lhe estranho. Já não é apenas a casa do vizinho e a casa do parente próximo. Para ele isto significa um alargamento das suas noções de cooperação. Significa também a sua racionalização. Significa mudança.